

## Acidentes de trabalho: o visível e o invisível na realidade portuguesa

### Accidents at work: the visible and invisible in Portuguese reality

João Areosa<sup>i</sup>

#### Resumo

Se considerarmos a eminente quantidade de riscos que determinadas organizações incorporam (nunca esquecendo que não existam empresas isentas de risco), bem como a sua elevada gravidade, podemos então considerar, metaforicamente, algumas destas organizações como autênticas *fábricas de riscos*. Os acidentes de trabalho só ocorrem porque existem riscos a montante; sabendo que os riscos são de certo modo omnipresentes torna-se utópico pensar que poderemos eliminar todos os acidentes. Neste texto pretendemos apresentar alguns dados sobre a realidade portuguesa e debater as principais virtudes e limitações de alguns modelos para a análise dos acidentes.

Palavras-chave: Acidentes de trabalho, análise de acidentes, sinistralidade nacional.

#### Abstract

If we consider the high-levels of risks that some organizations incorporate, (never forgetting that there are no companies without risk), as well as its wide gravity, we can consider, metaphorically, some of these organizations as authentic *factories of risks*. Occupational accidents only occur because there are risks upstream. Knowing that the risks are somewhat ubiquitous it is utopian to think that we can eliminate all accidents. In this work we intend to present Portuguese data (about occupational accidents) and debate the main virtues and limitations of some models for the analysis of accidents.

Keywords: Occupational accidents, accidents analysis, Portuguese accidents.

### 1. Aspectos sobre a realidade portuguesa

Os acidentes sempre fizeram e sempre farão parte dos eventos ocorridos em sociedade, e isto pode explicar, em parte, o porquê de eles poderem ser considerados como um problema social. É verdade que os acidentes podem ocorrer em todos os lugares (escolas, casa, locais de trabalho, estradas, etc.), em diversas circunstâncias, e derivar de múltiplas causas. Esta fatalidade social à qual todos nós estamos sujeitos depende dos riscos e dos perigos que nós corremos ao longo das nossas vidas. Apesar de alguns acidentes serem dramáticos nas consequências que produzem, eles por definição são eventos relativamente raros, visto que representam desvios à normalidade. Em traços gerais, julgamos que não é possível prevenir e evitar todos os acidentes, mas estamos

---

Publicação editada pela RICOT (Rede de Investigação sobre Condições de Trabalho)  
Instituto de Sociologia da Faculdade de Letras da Universidade do Porto

Publication edited by RICOT (Working Conditions Research Network)  
Institute of Sociology, Faculty of Arts, University of Porto

<http://ricot.com.pt>

convictos que as investigações sobre acidentes podem ajudar a prevenir alguns destes eventos.

Relativamente aos dados disponíveis sobre os acidentes de trabalho ocorridos em Portugal, na primeira década do século XXI, estes dados revelam que a nossa situação é grave. O número total de acidentes, bem como o número de dias perdidos resultantes desses mesmos acidentes, têm-se mantido relativamente estáveis, apenas com oscilações pouco significativas e, neste contexto, nada de interessante parece digno de registo.<sup>ii</sup> Porém, já importa destacar que estes números se mantêm extraordinariamente elevados. Dentro deste quadro pouco favorável, sobre a realidade nacional, surge uma notícia “animadora” relacionada com o decréscimo regular do número de vítimas mortais resultante dos acidentes de trabalho. A queda deste número, entre os anos 2000 e 2008, foi de quase 40%, sem qualquer alteração no sentido da sua tendência. Este facto não deixa de ser relevante e significativo. As explicações para esta queda tão acentuada passarão por múltiplos factores, mas seguramente que o facto de ter sido publicada alguma legislação importante (sobre Segurança e Saúde no Trabalho – SST), no início desta década, terá contribuído para este efeito; a referida legislação traduziu-se em fiscalizações mais “apertadas” sobre este tipo específico de sinistros. A gravidade e as consequências que os acidentes mortais suscitam transformam a sua ocorrência em algo que é condenado socialmente (apesar do imaginário social ainda interpretar os acidentes, essencialmente, como acontecimentos infelizes, imprevisíveis e, por vezes, aleatórios). A tabela 1 apresenta alguns dados sobre a sinistralidade laboral em Portugal.<sup>iii</sup>

**Tabela 1**

Ano Nº de ocorrências	2000	2001	2002	2003	2004	2005	2006	2007	2008
Nº total de AT	234,192	244,936	<b>248,097</b>	237,222	234,109	<b>228,884</b>	237,392	237,409	240,018
Nº total de AT (mortais)	<b>368</b>	365	357	312	306	300	253	276	<b>231</b>
Nº total de dias perdidos por AT	6,483,382	<b>7,738,981</b>	7,624,893	<b>6,304,316</b>	6,730,952	6,811,505	7,082,066	7,068,416	7,156,003

Fonte: GEP/MTSS

Não pretendemos nesta comunicação apresentar estatísticas aprofundadas sobre a sinistralidade laboral em Portugal (até porque isto torna, normalmente, as apresentações orais algo maçadoras). Pretendemos antes centrar a nossa atenção na forma como esses mesmos acidentes podem ser analisados, sabendo que a forma como “olhamos” para os acidentes (nomeadamente na escolha do modelo para a análise do acidente) pode influenciar significativamente os resultados e conclusões acerca desses eventos. Esta diversidade de modelos permite-nos, entre outras coisas, aferir qual o modelo que

mais se pode adequar ao acidente que pretendemos analisar. Passamos de seguida a apresentar alguns dos principais modelos de análise de acidentes.

## 2. Alguns modelos de análise para os acidentes de trabalho

O antigo paradigma da segurança atribuía a principal causa dos acidentes a factores humanos (particularmente os designados “actos inseguros” – os quais, segundo alguns autores, até poderiam estar relacionados com factores genéticos) ou, em muito menor proporção, a condições perigosas existentes nos locais de trabalho.<sup>iv</sup> Esta perspectiva tem sido alvo de inúmeras críticas devido a centrar a responsabilidade dos acidentes nas próprias vítimas e a promover a dupla penalização dos sinistrados (ou seja, estes sofrem as lesões decorrentes dos acidentes e ainda são responsabilizados pela sua ocorrência). Obviamente que não defendemos que os sinistrados nunca têm qualquer responsabilidade sobre a ocorrência de certos acidentes, mas o problema é que este número acaba por estar algo empolado (as estatísticas tendem a atribuir cerca de 70% a 90% dos acidentes a factores humanos, ignorando quase por completo a existência de muitos outros factores incluídos no mundo do trabalho e igualmente passíveis de originar ou contribuir para que os acidentes se manifestem). Outro dos grandes problemas desta perspectiva é considerar os acidentes como eventos monocausais. É verdade que atribuir uma única causa aos acidentes facilita sobejamente a sua análise, bem como a identificação de possíveis responsáveis (individualiza os culpados pelo acidente); mas o grande problema desta perspectiva é que a realidade dos acidentes é, normalmente, bastante mais complexa do que esta simplificação.<sup>v</sup> Num artigo publicado recentemente tivemos oportunidade de debater de forma mais detalhada alguns aspectos sobre a monocausalidade e multicausalidade dos acidentes de trabalho [4].

Em meados do século XX surge modelo epidemiológico dos acidentes, o qual se traduz numa analogia entre a ocorrência de acidentes e a terminologia médica sobre a extensão de uma doença numa determinada população. A designação deste modelo emergiu e ganhou visibilidade após a publicação do trabalho de John Gordon [5]. Este autor defendia que os acidentes são um problema de saúde para as populações, tal como algumas doenças, e por isso podem ter um tratamento epidemiológico similar; isto significa que devem ser recolhidos dados (estatísticos) e analisados os comportamentos das populações em observação. Assim, Gordon considera que a abordagem epidemiológica permite verificar certas regularidades ao longo do tempo, e isto pode ajudar a melhorar a análise dos acidentes, a sua compreensão, bem como a sua prevenção (suportada por políticas adequadas). Este modelo (inovador na época em que surgiu) preconiza a articulação de três factores fundamentais: o hospedeiro (alvo do sinistro), o agente ou objecto (factor “agressivo”) e meio ou ambiente (local cujas características possibilitam a ocorrência do acidente). Segundo o autor, é através da interacção entre estes três factores que podemos compreender e explicar a ocorrência dos acidentes. Apesar de este modelo ter sido desenvolvido posteriormente por outros autores a sua estrutura continua a incorporar algumas limitações para a observação de

determinados tipos de acidentes, pois está mais direccionado para compreender generalidades e não tanto as especificidades.

Uma nova visão sobre os acidentes de trabalho, vistos como eventos que resultam do processo de trabalho, surge entre as décadas de sessenta e setenta do século passado. Faverge [6] foi um dos autores que avançou com a questão dos acidentes estar ligada com o desenvolvimento das actividades e tarefas de trabalho. Este avanço teórico e metodológico passou a comparar as situações de trabalho similares que davam origem a acidentes e as que não davam origem a acidentes. A abordagem dos acidentes a partir do contexto de trabalho passou a definir os acidentes de trabalho como fenómenos decorrentes das situações de trabalho, onde cada situação contém um determinado potencial para o acidente que depende de um evento “detonador”; e este, por sua vez, ofereceria as condições necessárias para o acidente potencial passar para acidente real. É neste contexto que surge uma outra perspectiva, designada por teoria da fiabilidade dos sistemas, onde é preconizado que os acidentes decorrem dos processos de trabalho devido a problemas de adaptação do sistema à sua finalidade. A correlação entre o acidente e o objectivo final do sistema torna-se evidente. O factor que serve de intermediário entre estes dois vectores é o contexto específico de trabalho. Aqui o acidente já é visto como um conjunto de factores desviantes, posicionados em locais e momentos distintos em relação ao objectivo final do sistema.

É neste contexto de alguma tensão e ruptura com os pressupostos teóricos anteriores sobre os acidentes que se procura obter uma nova classificação dos acidentes, decorrente dos processos de trabalho. Esta nova perspectiva surge no início dos anos sessenta e preconiza que os acidentes devem ser vistos como resultado de uma transferência de energia. A libertação e a respectiva propagação de um determinado tipo de energia, para poder causar um acidente, deve ser superior àquela que o sujeito ou objecto (que pretendemos defender) consegue suportar sem efeitos nocivos. É a partir daqui que o fenómeno dos acidentes passa a estar associado às barreiras ou defesas. Estas barreiras pretendem proteger as diversas fraquezas dos trabalhadores e/ou dos bens materiais de eventuais danos provocados por essa libertação descontrolada de energia.<sup>vi</sup> O modelo da energia e das barreiras foi introduzido por Gibson [7] e alguns dos seus pressupostos foram seguidos por diversos autores, inclusive até aos dias de hoje. Podemos dar como exemplo os trabalhos de Haddon [8] na área da medicina, de Johnson [9] na análise e gestão de riscos e de Reason [10] no estudo dos acidentes organizacionais.

Se observarmos o título da presente comunicação ficará implícito que quando falamos sobre acidentes de trabalho tanto pode existir factores visíveis (e facilmente identificáveis),<sup>vii</sup> como factores invisíveis (aos quais parece que ainda não prestamos atenção suficiente para os descortinar – pelo menos de forma mais generalizada, quer em relação ao conhecimento técnico e pericial, quer ao nível do conhecimento científico). Já perto da última década do século XX, foi concebido por Tom Dwyer [11] [12] um modelo sociológico para compreender os acidentes de trabalho. Consideramos que esta foi uma das primeiras perspectivas que clarificou alguns aspectos invisíveis dos acidentes de trabalho, nomeadamente alguns factores sociais que contribuem para a sua ocorrência, mas que até aquele momento permaneciam “ocultos” no âmbito da explicação.

No âmbito da teoria sociológica de Dwyer [12] existem, essencialmente, três níveis sociais com capacidade para explicar o desenvolvimento das relações entre empregadores e trabalhadores – a recompensa, o comando e o organizacional – e, por arrastamento, do próprio fenómeno dos acidentes de trabalho; a estes três níveis Dwyer acrescenta um quarto, de carácter não-social, designado como indivíduo-membro. A importância de cada um destes níveis é construída socialmente nos próprios locais de trabalho, não é dada antecipadamente, logo, a importância de um nível num determinado contexto não significa que ele tenha o mesmo “peso” noutra realidade sócio-laboral distinta.

Cada um dos três níveis sociais referidos anteriormente é, por sua vez, subdividido também em três sub-níveis discriminados abaixo:

➤ **Recompensa ou incentivos:**

- 1) Materiais ou financeiros (relacionados com a intensificação do trabalho);
- 2) Ampliação ou prolongamento do trabalho;
- 3) Recompensas simbólicas.

➤ **Comando:**

- 1) Autoritarismo;
- 2) Desintegração do grupo de trabalho;
- 3) Servidão voluntária.

➤ **Organizacional:**

- 1) Subqualificação;
- 2) Rotina;
- 3) Desorganização.

Em resumo, estes são alguns dos factores sociais susceptíveis de originar acidentes, mas que têm sido, recorrentemente, ignorados nas análises de acidentes de trabalho. Conforme se pôde verificar existem “novos” aspectos que devem ser considerados e aprofundados para obter um melhor entendimento sobre os acidentes. Este campo de observação tem aumentado as suas dimensões de análise e isto pode permitir a ampliação do nosso conhecimento sobre este fenómeno social (o acidente), até recentemente visto como não social ou como não tendo nenhuma influência das relações sociais.

### 3. Referências bibliográficas

- [1] Greenwood, M. e Woods, H. M. (1919), "The incidence of industrial accidents upon individuals with special reference to multiple accidents", *Industrial Fatigue Research Board, Medical Research Committee*, Report No. 4, Her Majesty's Stationery Office, London.
- [2] Heinrich, Herbert (1931), *Industrial Accident Prevention*, New York, McGraw-Hill.
- [3] Taleb, Nassim (2008), *O cisne negro – O impacto do altamente improvável*. Amadora (Alfragide): Dom Quixote.
- [4] Areosa, João e Dwyer, Tom (2010), "Acidentes de trabalho: uma abordagem sociológica". *Revista Configurações*, 7, 107-128.
- [5] Gordon, John (1949), "The Epidemiology of Accidents", *American Journal Public Health*, 39, 504-515.
- [6] Faverge, J. (1972), *L'Analyse du travail, in Traité de psychologie appliquée*. Paris: PUF.
- [7] Gibson, J. (1961), "The contribution of experimental psychology to the formulation of the problem of safety – a brief for basic research", *in Behavioral Approaches to Accident Research*, New York: Association for the Aid of Crippled Children, 77-89.
- [8] Haddon, William Jr. (1966), "The Prevention of Accidents". *in Clark and MacMahon (Eds.), Textbook of Preventive Medicine*. Boston: Little, Brown & Co.
- [9] Johnson, W. (1980), *MORT Safety Assurance Systems*. New York: Marcel Dekker.
- [10] Reason, James (1997), *Managing the risks of organizational accidents*. Aldershot: Ashgate.
- [11] Dwyer, Tom (1989), "Acidentes do trabalho: Em busca de uma nova abordagem", *Revista de Administração de Empresas*, 29, 19-32.
- [12] Dwyer, Tom (1991), *Life and death at work: Industrial accidents as a case of socially produced error*, New York, Plenum.

#### Notas:

---

<sup>i</sup> Investigador no Centro de Investigação em Ciências Sociais (CICS).

<sup>ii</sup> Um dos factores que permanece "invisível" quando observamos este aglomerado de eventos é precisamente a especificidade que cada acidente encerra em si mesmo.

<sup>iii</sup> Apesar de algumas tentativas não foi possível para recolher dados referentes ao ano de 2009; isto significa que os dados apresentados não são exactamente uma década, mas sim nove anos.

<sup>iv</sup> Este paradigma foi fortemente influenciado pelas ideias de Greenwood e Woods [1] e, mais tarde, pelo famoso trabalho de Heinrich [2].

---

<sup>v</sup> Tal como refere Nassim Taleb [3] no seu extraordinário ensaio intitulado “O cisne negro”, nós somos demasiado vulneráveis, enquanto espécie, a simplificar a nossa realidade envolvente e isso pode produzir fortes enviesamentos nas nossas apreciações.

<sup>vi</sup> A noção de energia que é utilizada neste modelo é bastante abrangente visto que considera diversos tipos ou formas de energia, nomeadamente, química, eléctrica, cinética, etc.

<sup>vii</sup> Os factores visíveis dos acidentes de trabalho estão relacionados aspectos de natureza física (máquina sem protecção, ferramentas defeituosas, iluminação deficiente, etc.); por oposição, os factores invisíveis dos acidentes de trabalho estão tendencialmente relacionados com aspectos de natureza social e cultural.